

O CONTEÚDO “ATIVIDADES AQUÁTICAS” NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E PERSPECTIVAS

THE CONTENT “WATER ACTIVITIES” IN PHYSICAL EDUCATION AT SCHOOL: LIMITS AND PERSPECTIVES

EL CONTENIDO “ATIVIDADES AQUÁTICAS” EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: LÍMITES Y PERSPECTIVAS

Paulo Carlan

carlan@unijui.edu.br

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ

Daniel Bardini Dürks

daniel.durks@yahoo.com.br

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ

RESUMO

O estudo objetiva investigar se os docentes de Educação Física escolar mobilizam os conteúdos de atividades aquáticas em suas aulas, e analisar os fatores que influenciaram a compreensão da temática. Para dar conta do problema de investigação, delimitou-se o período em que foi ministrada a disciplina “Atividades Aquáticas” entre 2013 a 2016, utilizando, para fins de análise, os dados coletados em entrevistas estruturadas realizadas pelos acadêmicos com docentes de Educação Física da rede pública de ensino. Das análises, resultou um conjunto de explicações decorrentes da estrutura física, competência técnica, medo da água e reducionismo do conteúdo com os nados esportivos.

Palavras-Chave: Atividades aquáticas; Docência; Educação Física escolar

ABSTRACT

The study aims at investigating whether the Physical Education teachers mobilize the contents of water activities in their classes, as well as analyse the factors which influence the understanding of such theme. In order to tackle the investigation problem, we delimited the time period in which the subject “Water Activities” was carried out, from 2013 to 2016, by using, as means of analysis, the data collected in structured interviews that were conducted by the undergraduate students of Physical Education with teachers from public schools. From the analysis resulted a set of explanations encompassing the facilities, technical expertise, fear of water and reductionism between content and the swimming activities.

Keywords: Water activities; Teaching; Physical Education at school

RESUMEN

El estudio objetiva investigar si los docentes de Educación Física escolar movilizan los contenidos de actividades acuáticas en sus aulas, y analizar los factores que influyen la comprensión de la temática. Para dar cuenta del problema de la investigación, se delimitó el periodo en se ministró la asignatura “Actividades Acuáticas” entre 2013 a 2016, usando para fines de análisis, los datos recogidos en entrevistas estructuradas realizadas por los académicos con docentes de Educación Física de la red pública de enseñanza. Resultó de los análisis un conjunto de explicaciones originarios de las estructura física, competencia técnica, miedo del agua, y reduccionismo del contenido con los nados deportivos.

Palabras Clave: Actividades acuáticas; Docencia; Educación física escolar

1 Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a forma como os docentes de Educação Física da rede pública de ensino compreendem e mobilizam os conteúdos das atividades aquáticas em suas aulas. Em consonância, discute alguns fatores que permeiam o imaginário dos docentes em relação às práticas corporais aquáticas, analisando possibilidades pedagógicas para a sua tematização na Educação Física escolar.

Estudos indicam que nos cursos de Educação Física no Brasil as disciplinas de atividades aquáticas têm como centralidade o ensino de conteúdos direcionados ao paradigma da racionalidade instrumental dos quatro estilos oficiais de natação – crawl, costas, peito clássico e borboleta (FERNANDES; LOBO DA COSTA, 2006; LOTTI; OLIVEIRA, 2016). Esses conteúdos são importantes na formação inicial, mas insuficientes para uma formação histórico-social que aborde a relação “Homem x Água” numa perspectiva crítica.

A perspectiva restrita das atividades aquáticas direcionadas ao paradigma da racionalidade instrumental é discutida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Com efeito, diferentes razões econômicas, sociais, culturais e epistemológicas, além da tradição esportivista da Educação Física brasileira que, por sinal, ainda possui grande relevância no imaginário escolar e nas instituições de ensino superior (BRACHT, 2003), influenciam a prevalência da tematização das principais técnicas de nados presentes nas competições esportivas. Ou seja, os principais estilos de nados esportivos tornam-se sinônimo de atividades aquáticas, desconsiderando ou colocando em plano secundário o processo reflexivo da relação do Homem x Água (BRASIL, 1998).

A Educação Física escolar é compreendida como o “componente curricular responsável pela tematização da cultura corporal de movimento, que tem por finalidade potencializar o aluno para intervir de forma autônoma, crítica e criativa nessa dimensão social” (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012, p. 46). Neste viés, é necessário refletir sobre possibilidades de intervenção que considerem criticamente os aspectos pedagógico-políticos, superando a visão instrumental que reduz as práticas corporais a aspectos naturais e tecno-científicos que, em grande medida, são descontextualizados dos aspectos históricos e socioculturais.

Não se desconsidera a importância das diferentes técnicas de nados ao tematizar as atividades aquáticas na Educação Física escolar. Compreende-se, contudo, que a relação do homem com a água ultrapassa o plano da simplificação e necessita ser problematizada e refletida na observação da complexidade relacional do sujeito com o mundo.

Dessa forma, pretende-se discutir os elementos que bloqueiam ou potencializam a tematização das atividades aquáticas na Educação Física escolar. Ao analisar as perspectivas dos docentes discutem-se possibilidades de pensar as atividades aquáticas a partir de uma perspectiva crítica, que considera a complexidade da relação do homem com o mundo vivido.

2 Caminhos metodológicos: proposta pedagógica da disciplina “Atividades Aquáticas” em uma instituição de Ensino Superior

Ao introduzir o componente curricular “Atividades Aquáticas” na formação inicial no ensino superior, costuma-se fazer três perguntas iniciais: 1) Alguém, durante a trajetória escolar, teve o conteúdo Natação na Educação Física escolar? 2) A escola em que vocês estudaram tinha piscina? 3) Se não há piscina nas escolas, não se desenvolve os conteúdos de Natação. Então, o que justificaria esse componente “Atividades Aquáticas” no currículo do nosso curso de Licenciatura? Na sequência, explicita-se o plano de ensino e os trabalhos a serem desenvolvidos no decorrer do semestre.

O texto aqui compartilhado é a análise de um dos trabalhos solicitados aos acadêmicos. Nesta pesquisa, caracterizada como um estudo de campo, os acadêmicos realizaram uma entrevista estruturada mediante a aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de docentes da Educação Física da rede pública de ensino. O objetivo foi identificar o histórico de vida e a formação inicial desse professor e saber se o conteúdo de atividades aquáticas é tratado/tematizado em suas aulas.

A entrevista estruturada constou dos seguintes eixos temáticos que orientaram a pesquisa de campo: a) História de vida do docente em relação ao ambiente aquático; b) Formação inicial: os conteúdos das aprendizagens em relação à disciplina de atividades aquáticas (natação); c) Formação continuada; d) Espaço-tempo da sala de aula; e) Dimensão imaginária dos alunos, dos pais e do corpo diretivo da escola.

Delimitou-se o período de investigação em três anos (2013-2016), totalizando um universo de 96 trabalhos. A amostra para esta análise foi reduzida para 36 trabalhos. O critério de seleção dos trabalhos dos acadêmicos foi qualitativo em relação ao conteúdo das entrevistas.

Dentre a população entrevistada foram identificadas 19 mulheres e 17 homens. Em relação ao tempo em que estão formados, a média foi de oito anos. Os sujeitos da pesquisa tiveram a sua formação inicial nas seguintes instituições de ensino superior: Unijuí (16), Unicruz (6), Unioeste (3), UFSM (2), UFRGS (2) e Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná (2). Não foi possível identificar a instituição de ensino superior de cinco sujeitos. As principais cidades (16) de origem dos sujeitos da pesquisa abrange as regiões Noroeste, Celeiro e Missões do Estado do Rio Grande do Sul.

1º Eixo Temático – História de vida e formação inicial do docente: relação com as atividades aquáticas

Compreender a história de vida dos docentes a partir do seu mundo vivido em relação ao ambiente aquático, é uma questão importante porque vai expor o seu vínculo/vivências com esse espaço e, em especial, com o mundo de movimento humano. Tomou-se

como conceito de mundo vivido a definição de Maraun (1981 apud KUNZ, 1991, p. 86), que compreende o contexto social em que as condições objetivas se tornam subjetivamente significativas: “O mundo vivido é a instância em que o sentido material se faz presente na história individual que envolve de uma ou outra forma todas as ações – independente se isto acontece de forma consciente ou inconsciente”.

A análise desse eixo temático possibilitou a identificação de três grupos de docentes em relação ao seu mundo vivido nos espaços aquáticos. O primeiro grupo e o mais significativo quantitativamente representa os sujeitos que tiveram muitas vivências na infância e na adolescência com os espaços aquáticos, tais como rios, lagos, riachos, açudes, barragens e, com menor frequência, a piscina. Essas vivências, na maioria das vezes, foram oportunizadas e estimuladas pelos pais, tios e irmãos mais velhos. Outra constatação diagnosticada foram as raras vivências no mar, o que se justifica pela distância da região de origem dos sujeitos da região litorânea do Estado do Rio Grande do Sul.

Nas palavras de Marques (1995, p. 19), “coloca-se o mundo da vida, como uma anterioridade primeira, onde se alicerçam as aprendizagens e se efetivam e onde radica, em sua unidade, o processo de socialização/individuação e da singularização do sujeito”. As vivências dos sujeitos da pesquisa nos espaços aquáticos e de práticas informais não sistematizadas, mas não menos significativas e de produção de sentidos e significados, são oportunidades de vivências que iniciam pela sua inserção no mundo vivido/mundo da vida.

Um segundo grupo de sujeitos manifestou que tiveram vivências em espaços aquáticos quando crianças e adolescentes. As memórias dessas vivências, no entanto, não são agradáveis, pois presenciaram situações de risco na água, como afogamentos (inclusive com óbito). Segundo Calligaris (2008, p. 137), “o carácter traumático de um acontecimento não depende de alguma qualidade específica de experiência vivida, mas é um efeito de como, mais tarde, essa experiência pode ou não integrar uma história que faça sentido para o sujeito”. Nas circunstâncias vividas se imbricam eventos fantásticos, como fatos que marcam de forma negativa, e que podem produzir bloqueios, medos, receios, fobias. São, contudo, aprendizagens e devem ser compreendidas, elaboradas, refletidas e respeitadas.

No terceiro grupo e de menor representatividade foi possível identificar os sujeitos que em sua infância e adolescência não tiveram estímulo para vivências em espaços aquáticos por parte de familiares e, tampouco em outros espaços sociais. Segundo Marques (1995, p. 57), “a família se constitui como elemento mediador primeiro entre o homem e a sociedade [...] desde a segurança afetiva, a capacidade imaginativa, o autoconceito e a confiança em si”. É nesse espaço privado da família que ocorrem as primeiras vivências e experiências e se instala a autonomia da ordem simbólica, inserindo a criança na cultura humana.

O diálogo em relação à formação inicial (universitária) é outro fator considerado fundamental para compreender a relação dos sujeitos da pesquisa com a temática das atividades aquáticas. Na análise das entrevistas foi possível observar que os cursos de Educação Física, em sua grande maioria, apresentam duas disciplinas de quatro créditos (60 horas cada disciplina) em sua grade curricular, enquanto duas universidades contemplam três disciplinas e somente em uma universidade a disciplina de atividades aquáticas era optativa.

Quanto aos conteúdos, quase a totalidade dos sujeitos declararam ter como centralidade o ensino dos quatro estilos esportivos de natação (crawl, de costas, de peito clássico e o de borboleta), além das saídas de bloco, viradas e regras. Cabe destacar que antes de iniciar o ensino dos nados, os conteúdos contemplam o processo denominado “Adaptação ao meio líquido”, composto por técnicas, deslocamentos, corridas, saltos, jogos recreativos, respiração, flutuação, deslize, palmateo, atividades rítmicas expressivas e giros.

A ênfase na vinculação do esporte com as atividades aquáticas é compreendida como parte da tradição pedagógica da Educação Física no Brasil. Bracht (2003) compreende que o fenômeno esportivo, especialmente a partir da década de 1970, foi absorvido pela área da Educação Física, tornando-se a sua tematização quase hegemônica nas diferentes instituições de ensino superior. Para o autor,

É a importância social e política desse fenômeno que faz parecer legítimo o investimento em ciência neste campo. Por sua vez, aqueles que atuam no campo ou tem interfaces com ele privilegiam o tema do esporte porque é ele que oferece as melhores possibilidades de acumulação de capital simbólico por via do tratamento científico. (BRACHT, 2003, p. 20).

É possível perceber que o escopo da formação inicial dos sujeitos da pesquisa em relação às atividades aquáticas era pautado na perspectiva do paradigma da racionalidade instrumental. Em seus diálogos, os sujeitos enfatizaram a busca da performance dos estilos de nados olímpicos, fato que evidencia a forte vinculação dos cursos de Ensino Superior com o paradigma esportivista, mesmo quando o objetivo era a formação para a licenciatura.

A crítica ao paradigma da racionalidade instrumental (conhecimento técnico, tático, estratégico e físico) não pode, contudo, simplesmente negá-la ou desconhecê-la. É preciso compreender e problematizar que ela é insuficiente para tratar a complexidade, que é a dimensão humana. Nessa perspectiva, deve superá-la apropriando-se dela, ou seja, passando por dentro dela e promovendo uma ressignificação.

Para Kant (apud FENSTERSEIFER, 2001, p. 248), “a técnica, ao lado da pragmática e da moral é uma disposição que diferencia o homem dos outros seres”. O autor prossegue afirmando que “a disposição da técnica é o que possibilita a ele dispor das coisas do mundo”. Um dos grandes desafios é reconhecer a importância do paradigma instrumental, mas do

mesmo modo, é fundamental reconhecer que se deve dar o sentido a este paradigma e não o inverso.

Em relação à metodologia de ensino na formação inicial dos sujeitos da pesquisa foi possível verificar a existência de aulas práticas e teóricas. Os conteúdos tratados nas aulas teóricas baseavam-se, principalmente, na análise biomecânica dos nados, regras oficiais, história da natação, evolução dos métodos de ensino e, em alguns casos, métodos de treinamento. Para Marques (1996, p. 91), “a racionalidade reduz-se aos dados e fatos, de forma que permanecem fora dela as grandes questões em que se jogam os destinos da humanidade”.

Em relação às aulas práticas, identificou-se que os conteúdos tratados se centravam no modelo da racionalidade instrumental. Para este modelo, as exigências são de performance, precisão, exatidão e mensuração das técnicas dos quatro estilos de natação. Fensterseifer (2001, p. 254), ao referir-se aos docentes de Educação Física, afirma que “não gostaria que os mesmos parassem de ensinar só a técnica, não é por se ensinar técnica que se é tecnicista, o problema está em colocá-la como fim em si [...] a técnica é o meio de soluções dos problemas e não um objetivo em si mesmo”.

Outro aspecto a ser destacado na análise das entrevistas refere-se às vivências do mundo vivido/mundo da vida dos docentes, que não foi valorizado/reconhecido como um saber na formação inicial. Segundo Marques (1995, p. 19), “a base da experiência do gênero humano insere os sujeitos em seu mundo de vida e o reconstruem ao nele se relacionarem entre si e com suas objetivações”. Neste viés, o mundo da vida torna possível ampliar suas vivências e as suas relações de vida e suas intersubjetividades compartilhadas.

Os conhecimentos que emergem do interior da experiência vivida abrigam muitos sentidos, e revelam a história dos sujeitos, vivida com intensidade, onde se cruzam desafios, sonhos, superação e atualização. Segundo Marques (1995, p. 118), “ensinar não é repetir; é reconstruir aprendizagens. Trata-se de realizar a tradução dos conceitos reconhecidos no estado atual das ciências para o nível das práticas sociais contextualizadas e conjunturais”. Marques (1995) define essa capacidade como anterioridade epistemológica dos conteúdos, que exige do professor o pleno domínio teórico e a aprendizagem dos alunos requer estejam eles (e o professor) conscientes dos saberes que já manipulam no nível do senso comum.

2º Eixo Temático: O trinômio – Espaço, Tempo e Movimento Humano

O instrumento da pesquisa – a entrevista estruturada – teve orientação especial no sentido de não iniciar a investigação indagando se a escola em que o docente atua possui piscina para desenvolver o conteúdo de atividades aquáticas. A estratégia possibilitou melhor aprofundamento do objetivo do estudo, conduzindo o sujeito da pesquisa a um processo reflexivo a respeito da temática investigada.

Compreende-se que a arquitetura de uma escola deve favorecer as diferentes possibilidades de aprendizagem, e como o movimento humano é uma linguagem, a escola e seus espaços devem ser pensados sempre na condição de potencializar e ampliar as

suas experiências. Nesse aspecto, Marques (1995, p. 112) afirma que

No tempo-espaço das relações interpenetram-se o mundo físico e o mundo social. No espaço físico, mensurável pelas formas em que é ocupado, inscrevem-se o espaço social das relações humanas, o espaço das intersubjetividades, da racionalidade de múltiplas vozes [...] interlaçam-se as regionalidades do espaço físico e do tempo e as do saber, do poder, do querer e do fazer.

Os 36 docentes entrevistados afirmaram que as suas escolas não possuem piscina e tampouco procuram fazer convênio com clubes, academias ou associações para desenvolver o conteúdo de atividades aquáticas. Apesar da dificuldade estrutural das escolas acredita-se que é possível contemplar os conteúdos de atividades aquáticas na Educação Física escolar.

Existem experiências na formação inicial de conteúdos que são tratados teoricamente e que enriquecem as aprendizagens dos acadêmicos, cujos conteúdos e tipos de metodologia podem ser utilizados nas escolas. Dentre os conteúdos pode-se destacar os seguintes: a) conceitos de águas abertas e águas fechadas (características, cuidados, identificação das correntes marítimas...); b) tipos de afogados e primeiros socorros (técnicas, procedimentos, plano de ação...); c) identificação dos tipos de bandeiras utilizados nas praias; d) planejamento, organização e execução de passeios com escolares em ambientes aquáticos; e) uso de equipamentos em embarcações (técnicas de socorro); f) orientação no mar; e g) cuidados com piscinas em casa, etc.

Ao acenar esses conteúdos percebe-se as diferentes possibilidades de contemplação do conteúdo na Educação Física escolar, a partir de uma perspectiva histórico-cultural e crítica. Com efeito, o entendimento de Kunz (2001, p. 75) a respeito do sentido da Educação Física na escola refere que é parte de “um processo educacional que não se resume, apenas, num saber-fazer, mas inclui também o saber-pensar e o saber-sentir”.

Entende-se que o docente deve ter a criticidade e a sensibilidade pedagógica de ultrapassar a concepção padrão imposta pelos espaços das práticas esportivas, práticas corporais de lazer e práticas de exercícios físicos padronizados. Em outras palavras, é preciso reconhecer os espaços físicos como espaços de abertura para novas experiências corporais expressas pelo seu Se-Movimentar, em que o Mundo Vivido e/ou o Mundo da Vida são vivificados pelos educandos enquanto práticas sociais.

Outro fator que chamou a atenção é que nenhum docente acenou para a possibilidade de as escolas realizarem parcerias com os clubes para desenvolver o conteúdo de atividades aquáticas. Em alguns casos, contudo, há relatos de parcerias com entidades de suas cidades para o uso de ginásios esportivos e espaços físicos. Essas iniciativas, porém, não são pensadas para fomentar parcerias com instituições e clubes para o uso de suas piscinas.

Ao serem indagados se oportunizavam aos alunos vivências em espaços aquáticos de águas abertas, a grande maioria dos sujeitos da pesquisa respondeu que somente no mês de novembro, quando o clima está mais propício. Relataram que esse momento possui um propósito mais recreativo e festivo do que propriamente desenvolver uma

unidade didática voltada às atividades aquáticas. Geralmente, esses espaços são balneários que têm estruturas adequadas e seguras, com piscinas, banheiros e, em alguns casos, até salva-vidas.

Os sujeitos da pesquisa relataram que a direção e a equipe de supervisão têm receio de liberar as turmas para lugares de águas abertas (lagoas, rios e açudes) pelo risco de acidente. Na análise dos depoimentos foi possível identificar duas dimensões referentes a esses receios.

A primeira é de ordem comportamental dos alunos, que é uma argumentação frágil, já que a escola é o lugar que deve oportunizar novas aprendizagens a fim de auxiliar no desenvolvimento das competências atitudinais que oportunizem importantes elementos no processo de emancipação e autonomia dos alunos. A segunda questão remete à preocupação com os riscos que o ambiente aquático pode ocasionar. De fato, não se pode negar que existe risco de realizar aulas no ambiente aquático, porém, quando bem planejadas, orientadas e organizadas, é possível desenvolver o ensino da natação com segurança e responsabilidade.

3º Eixo Temático: Percepção dos conteúdos das atividades aquáticas na Educação Física escolar

Neste eixo procurou-se compreender se os conteúdos de atividades aquáticas são ensinados tanto na perspectiva teórica como prática nas aulas de Educação Física escolar. Uma das primeiras condições da educação escolar é a definição do currículo que irá permear a proposta político-pedagógica da escola. A concepção de currículo, segundo Marques (1995, p. 102), materializa o fazer educacional, cujas aprendizagens e qualidade vão estar ancoradas fundamentalmente na escolha e na construção coletiva pela comunidade escolar. Há, portanto, identificação com a concepção crítica de educação que compreende o currículo como construção social, processo e práxis social.

Para Sacristán (2000) é importante compreender o currículo como um processo e não como um objeto estático que não acompanha as mudanças históricas e culturais da sociedade. O currículo, em seu conteúdo escolar, é uma opção pedagógica, epistemológica e filosófica, e configura uma trama cultural, política, social e escolar que media o processo de ensino-aprendizagem na educação escolar.

Para Marques (1995, p. 102), “cabe à proposta pedagógica da escola estabelecer os critérios de seleção/priorização, de ordenação/seriação e da gradualidade dos temas e respectivos conteúdos, para que se façam sistêmicos em uma nova realidade”. O autor, porém, chama a atenção para que o professor não fique atento somente à proposta curricular formal e explícita, mas mostre permanente atenção crítica ao currículo oculto para saber a forma como são tratados os conteúdos e as normas sociais e políticas.

Dentre o universo dos entrevistados apenas quatro docentes desenvolveram o conteúdo de atividades aquáticas em suas aulas de Educação Física, sendo que três focaram apenas em aulas teóricas e apenas um mencionou que também contemplou aula prática.

O primeiro docente que desenvolveu os conteúdos teóricos contemplou uma abordagem histórico-cultural e analisou os benefícios das atividades aquáticas para a saúde dos praticantes, tomando como referência a hidroginástica. Para Marques (1995, p. 115), na sala de aula “não ensinamos coisas ou saberes prontos, mas sim relações conceituais em que se articulam as práticas sociais com as razões que as impulsionam e delas derivam”. Já o segundo docente desenvolveu os conteúdos de aquáticas, relacionando-os às Olimpíadas, e solicitou aos alunos a realização de uma pesquisa para identificar os diferentes esportes aquáticos presentes no evento (história, principais regras, espaços de práticas e equipamentos e tipos de disputas). O terceiro docente solicitou uma pesquisa sobre a história da natação e os cuidados necessários ao adentrar em piscina, rio ou mar.

Na atualidade, o docente deve se reconhecer como ator social que produz conhecimento científico, e nessa produção deve ter condições e bagagem para transmitir via ensino (DEMO, 1991). Para Boufleuer (2008, p. 323), “toda a pesquisa não passa de um esforço de aproximação com a realidade, portanto, passa a ser compreendida como construção/produção do conhecimento, que se articula com as necessárias aprendizagens dos sujeitos diante das demandas da vida”.

Os conteúdos do currículo implicam conhecer a função/objetivo que se busca em relação aos indivíduos, à cultura herdada, à sociedade na qual o indivíduo se encontra e à qual aspira alcançar. Segundo González e Bracht (2012, p. 16), “quando nos perguntamos sobre o que ensinar, questionamo-nos pelos conteúdos do ensino”. Para os autores, o docente deve fazer escolhas, opções no que concerne aos conteúdos a serem contemplados numa aula de Educação Física escolar. Isso pressupõe realizar dois movimentos de análise: o primeiro seria perguntar pelas características (natureza) do que vai ser ensinado; o segundo movimento seria perguntar que conhecimento desse fenômeno vai ser convertido em tema de aula.

Ao tematizar as práticas corporais na perspectiva da cultura corporal de movimento compreende-se que é fundamental o docente articular um conceito de cultura que coadune com os pressupostos sociofilosóficos da educação crítica. Nas palavras de González e Fraga (2012, p. 46), tem-se que

A Educação Física deve possibilitar a releitura e a apropriação crítica dos conhecimentos da cultura corporal de movimento. Nessa linha, os conhecimentos transmitidos na escola não estão subordinados àqueles proporcionados pelas instituições não escolares que lidam com práticas corporais sistematizadas, como “escolinhas” de futsal, escolas de ballet, rodas de capoeira, academia de ginástica, academia de artes marciais, etc. A Educação Física, logicamente não precisa desconhecer o que lá ocorre, porém deve ter bem claro que as finalidades naquela esfera são muito diferentes das que acontecem no interior da escola.

A Educação Física escolar no Brasil, de forma gradativa, está superando a hegemonia do ensino dos conteúdos esportivos, principalmente os esportes de quadra (de invasão e de rede ou quadra dividida). Na corrente desse pensamento percebe-se que essa transformação amplia e potencializa a tematização das plurais experiências da cultura

corporal de movimento, se alinhando à abordagem sociocultural e a uma concepção de ensino que potencializa o pensamento crítico/reflexivo.

Para González e Bracht (2012, p. 16), ao se eleger o esporte como conteúdo, além de contemplar o conhecimento do paradigma da racionalidade instrumental (os gestos técnicos e táticas das diferentes modalidades), deve-se, também, potencializar a aprendizagem na perspectiva de “conhecer o esporte”. Para os autores, conhecer não é apenas saber praticar uma modalidade, mas também saber falar a respeito dessas modalidades enquanto um fenômeno sociocultural.

Nessa perspectiva, Daolio (1997, p. 33) compreende que o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física é muito mais do que ensinar regras, técnicas e táticas de jogo. Conceber o esporte como um fenômeno cultural pressupõe, acima de tudo, contextualizar a prática na realidade sociocultural em que ela se encontra. Isso implica reconhecer que a cultura é “desconstruída” e “reconstruída”, ou então que a cultura é criada, recriada e transformada pelas pessoas nela imersas.

Destarte, é importante que o conteúdo de atividades aquáticas nas aulas de Educação Física na escola seja concebido numa perspectiva crítica. Essa concepção de aula busca superar o reducionismo de conteúdos centrados exclusivamente no paradigma da racionalidade técnica. Insiste-se, pois, que a aula de Educação Física na escola deve ter como centralidade o sujeito, como um processo de experiências em que é desafiado a trazer suas particularidades (corporais e subjetivas), ou seja, sua identidade corporal formada no decorrer de sua vida-mundo/vivido-mundo da vida.

3 Possibilidades pedagógicas para a tematização das atividades aquáticas

O universo das atividades aquáticas possui diferentes possibilidades de tematização. Procura-se, neste momento, propor quatro percursos pedagógicos para abordar o tema nas aulas de Educação Física escolar.

1º Tema: Minha História de Vida com a água: o objetivo desse conteúdo tem como centralidade a história de vida de cada sujeito em relação aos diferentes ambientes aquáticos. Os alunos podem trazer depoimentos dos pais, fotos etc.

2º Tema: Salvamento e Primeiros Socorros: o objetivo desse conteúdo é desenvolver os conhecimentos das técnicas de salvamento e dos primeiros socorros de situações de afogamentos. Nesse caso, é importante convidar a corporação dos bombeiros para ministrar uma palestra, auxiliando na tematização, demonstração e vivência da massagem cardíaca e outras técnicas de salvamento e primeiros socorros.

3º Tema: O Rio Ontem e o Rio Hoje: o objetivo desse conteúdo é uma pesquisa de campo, onde os alunos vão escolher um rio, uma lagoa, um riacho e entrevistar os moradores nativos e indagar a respeito da fauna, da flora a muitos anos atrás, e como se encontra atualmente a fauna e a flora hoje. Esta pesquisa irá demonstrar o comportamento dos cidadãos em relação ao ambiente aquático (lixo, erosão, mata ciliar etc...), na perspectiva

de sua preservação. Identificar como era utilizado e como é atualmente utilizado esse espaço como possibilidade de lazer para as crianças e adultos. Identificar como as políticas públicas atuam nesse espaço para sua preservação. Realizada a pesquisa os alunos irão apresentar em seus respectivos grupos, o relatório, através de vídeo, fotografias, depoimentos.

4º Tema: Projeto Jangadeiro: o objetivo desse conteúdo será montar uma jangada (taquara, câmaras de borracha, palets, garrafas pets). O professor irá desenvolver conteúdos teóricos a respeito dos benefícios da canoagem, como a potencialização das capacidades físicas, motoras, cardiorrespiratória etc. Orientação sobre a proteção da pele (câncer de pele, hidratação do corpo etc...) Para finalizar o projeto a jangada será testada numa lagoa, com o acompanhamento do professor e uma equipe de segurança, bombeiros.

Em termos avaliativos, sugere-se a elaboração de um relatório final e a apresentação destas temáticas em um seminário. Em suma, depois das experiências práticas e do aprofundamento teórico de cada temática, os alunos irão sistematizar com a escrita e com fotos, vídeos e depoimentos, descrevendo sua experiência desta unidade pedagógica, compartilhando os saberes vivenciados com a comunidade escolar.

4 Considerações finais

Para finalizar cabe esclarecer que as considerações ora anunciadas não esgotam as possibilidades de novos estudos e reflexões acerca da temática e perspectivas de intervenção no campo da Educação Física escolar. Essa assertiva fica ainda mais evidente ao se reconhecer o número incipiente de estudos relacionados às atividades aquáticas na escola.

A pesquisa sinalizou o reducionismo dos docentes frente às diferentes possibilidades de abordagem das atividades aquáticas. Ademais, é possível identificar a dificuldade em não buscar parcerias com clubes e associações que possuem estruturas próprias, como piscinas, além de não reconhecer os espaços de águas abertas como uma possibilidade real para desenvolver conteúdos das atividades aquáticas.

Outro aspecto diagnosticado pela pesquisa refere-se à limitação epistemológica dos docentes em conhecer os diferentes conteúdos relacionados às atividades aquáticas. Dentre esses conteúdos sugere-se algumas temáticas, como o conjunto dos cuidados e prevenção nos diferentes ambientes aquáticos, os primeiros socorros e as técnicas de salvamento, os significados das bandeiras, as características e comportamento das águas abertas, algumas questões voltadas à promoção da saúde e cuidados higiênicos.

Para finalizar, é possível perceber que os docentes de Educação Física apresentam certa dificuldade em justificar perante aos pais, alunos e direção da escola a importância de experiências no ambiente aquático, de conceber um projeto ou mesmo de pensar uma unidade didática de forma interdisciplinar no âmbito escolar. Diante desse fato,

compreende-se a necessidade de realizar diferentes estudos no contexto escolar referente aos conteúdos aquáticos (estudos de campo, pesquisa-ação), fortalecendo o processo reflexivo sobre a importância de explorar as vivências da cultura corporal de movimento, o que pode auxiliar para justificar a implantação de projetos referentes às atividades aquáticas na escola.

Referências

BOUFLEUER, J. P. Pesquisa. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí, RS: Unijuí, 2008, pp. 321-324.

BRACHT, V. **Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 2. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLIGARIS, C. **Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas aspirantes e curiosos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DAOLIO, J. **Cultura: Educação Física e futebol**. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

FENSTERSEIFER, P. E. **A Educação Física na crise da modernidade**. Ijuí, RS: Unijuí, 2001.

FERNANDES, J. R. P.; LOBO DA COSTA, P. H. Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo, jan./mar. 2006, v. 20, nº 1, pp. 5-14.

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. **Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim, RS: Edelbra, 2012.

_____; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFESU, 2012.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino & mudança**. Ijuí, RS: Unijuí, 1991.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2001.

LOTTI, A. D.; OLIVEIRA, R. C. Proposta pedagógica para o ensino da natação a partir do modelo pendular. **Pensar a Prática**. Goiânia, jul./set., 2016, v. 19, nº 3, pp. 665-676.

MARQUES, M. O. **Aprendizagem na mediação social do aprendizado e da docência**. Ijuí, RS: Unijuí, 1995.

_____. **Pedagogia: a ciência do educador**. 2. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 1996.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.